ISSN: 2358-8829

OS LAÇOS DO MUSEU E HISTÓRIA LOCAL: ROTEIRO DE VISITAÇÃO COMO MECANISMO DE CONTEÚDO DO ENSINO DE HISTÓRIA

Aline de Souza Silva[1]

INTRODUÇÃO

A sala de aula constitui um espaço de desafios que nos instiga, enquanto professores e pesquisadores da História, a refletir sobre novas possibilidades e estratégias para o ensino de História na Educação Básica. Nesse contexto, a História Local apresenta-se como um importante perspectiva de abordagem dos conteúdos históricos, pois possibilita aproximar os conhecimentos escolares das experiências, das vivências e das realidades dos estudantes. Longe de representar um recorte de menor importância, a História Local constitui um campo de investigação que reúne informações, experiências e processos históricos fundamentais para a compreensão de contextos sociais mais amplos, bem como das particularidades de determinados grupos e comunidades.

Esses desafios fazem parte do cotidiano dos profissionais da História, que, por meio da pesquisa e da prática docente, buscam desenvolver estratégias capazes de promover uma aprendizagem significativa. Nesse processo, os discursos, as representações e os significados construídos historicamente são apresentados e problematizados em sala de aula, contribuindo para que os estudantes desenvolvam a capacidade de interpretar diferentes contextos históricos, reconhecer as múltiplas experiências sociais e ampliar seu senso crítico. Dessa maneira, torna-se necessário buscar metodologias que ultrapassem os limites da exposição dos conteúdos e favoreçam o contato dos alunos com diferentes fontes históricas e espaços de produção do conhecimento.

É nessa perspectiva que o museu se apresenta como um importante recurso pedagógico para o ensino de História Local. Compreendido não apenas como um espaço de preservação e exposição de objetos, mas também como um lugar de memória, conhecimento e aprendizagem, o museu possibilita aos estudantes estabelecer relações entre os conteúdos trabalhados em sala de aula e os vestígios materiais de diferentes sociedades. A visita orientada, associada a práticas

[1] Mestranda do Curso de Programa de Pós-graduação Mestrado e Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - PB; aline.souza.silva@aluno.uepb.edu.br.

ISSN: 2358-8829

educativas planejadas pelo professor, favorece a observação, a interpretação e a problematização dos objetos musealizados, contribuindo para a compreensão da História como um processo construído a partir de vestígios, narrativas e interpretações.

Nessa discussão, Nascimento (2013) destaca a importância das práticas educativas na mediação entre o público e os acervos museológicos, afirmando que "A prática educativa funciona como uma chave de leitura do objeto museal" (Nascimento, 2013, p. 237). Essa reflexão evidencia que os objetos expostos não produzem conhecimento histórico de maneira isolada. Sua compreensão depende das perguntas formuladas, das informações contextualizadas e das mediações que orientam o olhar dos visitantes. Assim, a ação educativa transforma a visita ao museu em uma experiência de aprendizagem, na qual os estudantes são estimulados a observar, questionar e atribuir significados aos objetos e às narrativas que compõem o acervo. Ao discutir os significados históricos e culturais dos objetos musealizados, Nascimento (2013, p. 242) afirma:

> Os objetos da cultura são produtos de uma história: remetem às tradições identificadas pelo grupo com suas marcas distintivas, específicas e identitárias. Ao serem selecionados e expostos, representam uma chave ou palavra mágica que permite falar dos modos de viver e de pensar compartilhados no momento da confecção do artefato ou do objeto artístico. Eles traduzem a vivência da dramaturgia dos rituais, da magia de uma situação presente, o discurso do passado.

A partir dessa compreensão, os objetos musealizados podem ser entendidos como fontes históricas que carregam marcas de experiências, práticas culturais e relações sociais de outros tempos. Embora permaneçam materialmente diante dos visitantes, seus significados não são imediatamente evidentes, exigindo investigação, contextualização e interpretação. Para os estudantes da Educação Básica, especialmente do Ensino Médio, o contato com esses objetos pode estimular a imaginação histórica, a formulação de questionamentos e a compreensão de que os vestígios preservados nos museus se relacionam com sujeitos e grupos sociais que efetivamente existiram e participaram da construção da história. Desse modo, a análise do acervo permite estabelecer conexões entre passado e presente, contribuindo para a reflexão sobre as identidades, as memórias e as experiências que constituem a sociedade contemporânea.

Assim, este trabalho propõe uma reflexão sobre a utilização do museu como recurso pedagógico para o ensino de História Local, destacando a importância da elaboração de roteiros de visitação e de atividades educativas que articulem os momentos anteriores, durante e posteriores à visita. Busca-se, dessa forma, contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que estimulem a participação dos estudantes, a investigação histórica e o reconhecimento do patrimônio local como fonte de conhecimento, memória e identidade.

ISSN: 2358-8829

MUSEU HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE CAMPINA GRANDE: O ANTIGO PRÉDIO DO TELÉGRAFO

De acordo com o site de fontes históricas que narram também pontos da história de Campina Grande *Retalhos históricos*[2] O Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande, localizado na Avenida Floriano Peixoto, no centro da cidade, ocupa um edifício cuja construção teve início em 1812 e foi inaugurada em 1814, quando o município ainda era conhecido como Vila Nova da Rainha. Inicialmente, funcionou como cadeia pública e Casa da Câmara, reunindo atividades jurídicas, administrativas e políticas. Em 1824, durante a Confederação do Equador, recebeu presos relacionados ao movimento, entre eles Frei Caneca, conforme registros históricos locais.

Em 1896, o prédio passou a abrigar uma estação telegráfica, como evidencia a inscrição "Telegrapho Nacional" presente em sua fachada. Posteriormente, em janeiro de 1983, durante a gestão do prefeito Enivaldo Ribeiro, tornou-se sede do Museu Histórico de Campina Grande, destinado à preservação da memória e do patrimônio cultural do município.

Atualmente, seu acervo reúne objetos, fotografias e documentos que possibilitam compreender as transformações históricas, sociais e culturais da cidade. Nesse contexto, o museu constitui um importante espaço educativo para o ensino de História Local, pois permite aos estudantes entrar em contato com fontes históricas, desenvolver a observação e a investigação e compreender o museu como espaço de produção do conhecimento histórico.

PIBID: UMA TRAJETÓRIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DO GRADUANDO EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério da Educação (MEC), tem como objetivo contribuir para a formação inicial de professores, promovendo a integração entre as instituições de Ensino Superior e as escolas públicas. Instituído pelo Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010, o programa busca valorizar o magistério, aprimorar a formação docente e proporcionar aos licenciandos experiências práticas no cotidiano escolar.

[2] https://cgretalhos.blogspot.com/2010/03/construido-em-1814-tendo-iniciadas-as.html

ISSN: 2358-8829

Minha participação no PIBID ocorreu em 2017, durante um ano, como bolsista do programa, acompanhando turmas do segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual Sólon de Lucena, localizada no centro de Campina Grande, Paraíba. Essa experiência possibilitou conhecer a realidade escolar, observar as práticas pedagógicas e participar de atividades voltadas ao ensino de História.

Durante esse período, foram exploradas diferentes estratégias metodológicas, como jogos educativos, recursos audiovisuais, atividades de escrita, diálogos e visitas a espaços de memória e patrimônio histórico. Essas experiências contribuíram para compreender a importância de diversificar as práticas pedagógicas, estimular a participação dos estudantes e relacionar os conteúdos históricos às suas vivências sociais.

Dessa forma, o PIBID representou uma etapa significativa da minha formação acadêmica e profissional, fortalecendo a compreensão sobre os desafios da docência e as possibilidades metodológicas do ensino de História. A experiência também contribuiu para valorizar os museus, os lugares de memória e o patrimônio cultural como espaços educativos capazes de aproximar os estudantes das fontes históricas e da História Local.

VISITAÇÃO AO MUSEU HISTÓRICO DE CAMPINA GRANDE: PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DA VISITA EDUCATIVA

A experiência foi desenvolvida em 2017, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com turmas do segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sólon de Lucena, em Campina Grande, Paraíba. Sob a orientação do professor de História da instituição, foi planejada uma visita ao Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande, com o objetivo de aproximar os estudantes da história do município e valorizar seu patrimônio histórico e cultural.

A atividade foi organizada em etapas preparatórias, que incluíram aulas expositivas, leitura de um texto introdutório sobre a fundação de Campina Grande e exibição de um vídeo com fotografias antigas e atuais da cidade. Esses recursos buscaram contextualizar os conteúdos, despertar o interesse dos estudantes e estimular a reflexão sobre as transformações históricas, sociais, econômicas e culturais do município.

Posteriormente, a visita ao museu possibilitou o contato direto com objetos, documentos, fotografias e outros vestígios do passado, favorecendo a compreensão das fontes históricas como instrumentos de investigação. A atividade também permitiu refletir sobre o papel dos museus na preservação da memória e na construção do conhecimento histórico.

ISSN: 2358-8829

Dessa forma, a experiência contribuiu para articular teoria e prática no ensino de História, demonstrando as possibilidades educativas dos espaços museológicos. Além de estimular a curiosidade e o pensamento crítico, a proposta buscou fortalecer o sentimento de pertencimento dos estudantes e valorizar a História Local como caminho para compreender as relações entre passado e presente e reconhecer o patrimônio cultural de Campina Grande.

PERCORRENDO O ESPAÇO DO MUSEU: ROTEIRO DE VISITAÇÃO HISTÓRICA

O roteiro de visitação foi elaborado com o propósito de funcionar como um guia histórico e educativo, orientando os estudantes durante o percurso pelo Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande. A proposta fundamentou-se na compreensão de que uma visita educativa requer planejamento prévio, de modo que os alunos possam conhecer antecipadamente os conteúdos que serão abordados, reconhecer os objetivos da atividade e estabelecer relações entre os conhecimentos adquiridos em sala de aula e os objetos históricos presentes no espaço museológico. Dessa forma, o roteiro não se limitou à indicação dos locais e objetos a serem observados, mas buscou contribuir para uma experiência de aprendizagem baseada na observação, na investigação e no questionamento.

A elaboração do material teve início com uma visita prévia ao museu, realizada durante as atividades do PIBID. Essa etapa foi necessária para conhecer a organização do espaço, identificar os objetos e materiais históricos expostos e compreender a disposição do acervo nos diferentes ambientes. Durante o reconhecimento do local, foram produzidos registros fotográficos que auxiliaram na identificação dos objetos e na organização visual do roteiro. Paralelamente, foram realizadas pesquisas sobre a história dos materiais selecionados, a fim de reunir informações que permitissem contextualizá-los historicamente e estabelecer relações com os conteúdos trabalhados na disciplina de História.

Após essa etapa de reconhecimento e pesquisa, o roteiro foi organizado em blocos, considerando os pavimentos e os setores do museu. Inicialmente, foram previstas orientações gerais para a realização da visita, contemplando a organização dos estudantes, o registro da presença e a distribuição dos grupos acompanhados pelo responsável pela mediação. Em seguida, o material foi estruturado de acordo com o percurso expositivo, apresentando informações sobre os principais objetos, fotografias e documentos encontrados em cada espaço, acompanhadas de referências aos respectivos contextos históricos.

Essa organização buscou facilitar o acompanhamento da visita e estimular os estudantes a observar os objetos para além de suas características materiais. A identificação de cada peça,

ISSN: 2358-8829

sua temporalidade, seus usos e seus significados históricos constituíram elementos fundamentais para a compreensão do acervo. Assim, o roteiro foi concebido como um instrumento de mediação pedagógica, capaz de orientar o olhar dos alunos e favorecer a construção de perguntas sobre os vestígios do passado, contribuindo para que a visita se transformasse em uma experiência de investigação histórica.

A contextualização dos objetos, considerando o período em que foram produzidos ou utilizados e as relações sociais às quais estavam vinculados, foi um dos princípios orientadores da proposta. A preparação realizada em sala de aula, associada às informações presentes no roteiro, buscou estabelecer uma conexão entre o conteúdo histórico apresentado pelo professor e sua representação material no museu. O contato com os objetos possibilitou, assim, ampliar as possibilidades de interpretação dos conteúdos estudados, relacionando os conhecimentos prévios dos estudantes às informações encontradas durante o percurso. Nessa perspectiva, Chicarelli e Romeiro (2014) ressaltam a relevância do museu como espaço de construção do conhecimento histórico:

> Quando pensamos o museu como ferramenta auxiliar e como espaço de suscetíveis problemáticas, ele nos ajuda na construção do ensino e do aprendizado de História, deixando de ser um local engessado e passando a ser visto como lugar de conhecimento e reconhecimento. Assume, dessa forma um caráter significativo. Os saberes oriundos do meio comum vão se reconfigurando e interagindo com essa memória local e coletiva, em um movimento complexo e tensional de conhecimento e reconhecimento (pela assimilação ou pela negação). (Chicarelli; Romeiro, 2014, p. 87)

A reflexão das autoras contribui para compreender que o museu pode ultrapassar a função de preservar e expor objetos antigos, assumindo um papel ativo no processo de ensino e aprendizagem. Ao entrar em contato com o acervo, os estudantes têm a oportunidade de confrontar seus conhecimentos prévios com outras informações e interpretações sobre o passado. Esse processo favorece a construção de novos significados e permite compreender que a memória coletiva é constituída por diferentes experiências, narrativas e perspectivas históricas.

O roteiro, nesse sentido, foi pensado também como um recurso de aproximação entre os conhecimentos prévios dos estudantes e as narrativas presentes no espaço museológico. A apresentação antecipada dos temas e dos objetos procurou despertar a curiosidade dos alunos e incentivá-los a observar o acervo com maior atenção. Como afirmam Chicarelli e Romeiro (2014, p. 89), é importante “relacionar os saberes dos alunos, produzidos em suas vivências, com as várias narrativas que poderão está presente nesse espaço[...]”. Essa articulação permite

reconhecer os estudantes como sujeitos ativos da aprendizagem, cujas experiências e interpretações podem contribuir para a compreensão dos conteúdos históricos.

Imagem 1 :Roteiro de visitação ou guia de visitação



Fonte:

Acervo pessoal



- **Primeiro momento:**

Entrada no museu:

Assinar o nome e outros dados em uma lista;

Na recepção já possui placas dedicatórias a pessoas importantes da cidade;

- **Segundo momento:**

Em uma sala a direita da recepção:

Biografia de Felix Araújo exposto em algumas fotografias;

Fotografias referente ao cinema capitólio;

Máquina de projeção de 1934;

Primeiro motor de luz 1920;

Segunda sala em frente:

Resquícios religiosos:

Igreja de nossa senhora da guia.

- **Terceiro momento :**

Passar pela recepção novamente e subir uma escada que dará acesso a outros pertences históricos:

1 andar :

Fotografias e informações sobre a revolta de quebra quilos;

Fundação de Campina Grande;

Vários pôster exporto sobre a síntese cronológica de Campina Grande e outras informações da história local;

Informações sobre os tropeiros da Borborema;

Aldeamento dos índios Ariús;

Escravidão negra;

Peças e utensílios históricos.

Frei Caneca em Campina Grande 1824.

Sala seguinte:

Informações sobre a segunda guerra:

Maquinas pioneiras de fotografia;

Telefones importados da Alemanha e de outros países;

Industrias pioneiras;

Revolução de 1930

Máquina de datilografia;

Construção da ferrovia

Sala 3:

Fotografias antigas das ruas de Campina Grande como a de Epitácio pessoa

Cadeia velha.

Fonte: Acervo pessoal

A Imagem 1 apresenta o roteiro de visitação elaborado durante a experiência no PIBID, organizado em formato de folheto para facilitar o manuseio pelos estudantes e o acompanhamento das informações ao longo do percurso. A Imagem 2 apresenta as

ISSN: 2358-8829

características do Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande, destacando aspectos de sua trajetória histórica, seu acervo e as fontes históricas disponíveis, evidenciando as possibilidades educativas do espaço para o ensino de História Local.

Após a elaboração do material, a visita educativa foi realizada com duas turmas do segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual Sólon de Lucena. Antes do início do percurso, os estudantes receberam orientações sobre a utilização do roteiro e sua importância para o desenvolvimento da atividade. Durante a visita, o material serviu como referência para acompanhar os setores do museu, localizar os objetos apresentados e registrar informações, observações e questionamentos. A experiência permitiu perceber a relevância de um instrumento de orientação que articulasse o percurso físico às informações históricas relacionadas ao acervo.

O roteiro contemplou diferentes aspectos da história de Campina Grande, reunindo referências a personagens, acontecimentos, práticas culturais e transformações urbanas. Entre os elementos abordados estavam fotografias e informações sobre Félix de Araújo, registros relacionados ao Cine Capitólio, o motor de geração de energia elétrica associado à década de 1920, objetos religiosos vinculados à Igreja de Nossa Senhora da Guia e materiais referentes à Revolta do Quebra-Quilos. Esses elementos permitiram abordar diferentes dimensões da experiência histórica local, incluindo a vida política, a religiosidade, a cultura, as transformações tecnológicas e os conflitos sociais.

O percurso também possibilitou discutir aspectos da formação histórica de Campina Grande, desde os processos de ocupação do território e as relações estabelecidas com os povos indígenas, incluindo os Ariús, até as experiências relacionadas à escravidão, às práticas cotidianas e às transformações que marcaram o desenvolvimento urbano do município. A presença de objetos e registros de diferentes períodos favoreceu a reflexão sobre as mudanças e permanências que constituem a história local. Além disso, o acervo apresenta elementos relacionados a contextos mais amplos, como a Segunda Guerra Mundial, permitindo estabelecer conexões entre a história da cidade e acontecimentos de alcance internacional.

A diversidade de objetos e registros presentes no museu evidenciou a importância de orientar os estudantes na interpretação das fontes históricas. A observação de uma fotografia, por exemplo, pode suscitar perguntas sobre o contexto de sua produção, os sujeitos representados, as transformações da paisagem urbana e os significados atribuídos àquela imagem ao longo do tempo. Da mesma maneira, a análise de utensílios, equipamentos e objetos religiosos permite investigar práticas sociais, relações de trabalho, experiências culturais e formas de organização da vida coletiva.

Nesse processo, o roteiro atuou como um instrumento de apoio à investigação, pois ofereceu informações iniciais e direcionou a atenção dos estudantes para aspectos relevantes do acervo. Entretanto, sua função não consistiu em apresentar respostas definitivas sobre os objetos, mas em favorecer a elaboração de perguntas e interpretações. Dessa forma, a visitação buscou estimular uma postura investigativa, compreendendo os estudantes como participantes ativos da construção do conhecimento histórico.

Após a visita, foram propostas atividades com o objetivo de retomar os conhecimentos construídos durante o percurso e estimular os estudantes a expressar suas interpretações sobre o acervo. Entre as propostas desenvolvidas, destacou-se um concurso de fotografias, no qual os registros realizados durante a visita foram utilizados como ponto de partida para a apresentação e a explicação de contextos históricos. A atividade buscou incentivar os alunos a selecionar imagens, observar seus elementos e elaborar interpretações sobre os objetos e espaços registrados.

A produção fotográfica, articulada à explicação histórica, possibilitou explorar outras formas de expressão e apropriação do conhecimento. Ao escolher uma imagem e justificar sua importância, o estudante precisava estabelecer relações entre o objeto observado e os conteúdos estudados, mobilizando informações e desenvolvendo sua capacidade de argumentação. Assim, a fotografia deixou de funcionar apenas como registro visual da visita e passou a constituir um recurso para a reflexão sobre o patrimônio e a história local.

As atividades posteriores à visita também se mostraram importantes por permitirem retomar as observações realizadas no museu e relacioná-las aos conhecimentos trabalhados em sala de aula. A experiência de campo, quando acompanhada de propostas de análise e produção, pode favorecer uma aprendizagem que não se encerra no momento da observação dos objetos, mas se prolonga por meio da interpretação, do diálogo e da sistematização dos conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões apresentadas, compreende-se o museu como um espaço de preservação da memória, produção de conhecimento e valorização do patrimônio histórico e cultural. Seus objetos, fotografias, documentos e demais vestígios materiais possibilitam conhecer diferentes aspectos da trajetória de uma sociedade, revelando elementos de sua história política, econômica, social e cultural. Nesse sentido, o Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande constitui um importante espaço para o estudo da História Local, uma vez

ISSN: 2358-8829

que seu edifício e seu acervo permitem estabelecer relações entre diferentes temporalidades e compreender as transformações que marcaram a formação e o desenvolvimento do município.

A experiência desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em 2017, evidenciou as possibilidades educativas da visita orientada ao museu, especialmente quando articulada aos conteúdos trabalhados em sala de aula. O planejamento prévio, a elaboração do roteiro de visitação, a utilização de recursos audiovisuais e a realização de atividades posteriores à visita constituíram estratégias para aproximar os estudantes das fontes históricas e estimular sua participação no processo de aprendizagem. Dessa forma, o museu deixou de ser compreendido apenas como um espaço de exposição de objetos antigos e passou a ser considerado um ambiente de investigação, questionamento e construção do conhecimento histórico.

O roteiro de visitação, nesse contexto, apresenta-se como um instrumento de apoio ao trabalho docente, pois permite organizar o percurso, contextualizar os objetos e orientar a observação dos estudantes. Sua utilização pode contribuir para que outros professores de História de Campina Grande desenvolvam atividades educativas voltadas à valorização da história e do patrimônio local. Entretanto, sua finalidade não se limita à apresentação de informações sobre o acervo: o roteiro também pode estimular a formulação de perguntas, a interpretação dos vestígios materiais e a elaboração de atividades que relacionem os conhecimentos prévios dos alunos às experiências vivenciadas durante a visita.

É fundamental, portanto, que os estudantes não sejam deixados sozinhos diante dos objetos expostos, como se seus significados fossem imediatamente compreensíveis. A mediação do professor é necessária para contextualizar as fontes, apresentar diferentes interpretações e incentivar a reflexão sobre os sujeitos, os acontecimentos e as relações sociais que deram origem aos vestígios preservados. Ao reconhecer os objetos musealizados como fontes históricas, os alunos podem compreender que o conhecimento sobre o passado é construído por meio de pesquisas, análises e interpretações, e que os registros preservados não representam necessariamente todas as experiências de uma sociedade.

Essa perspectiva também exige atenção às memórias silenciadas e às ausências presentes nos acervos e nas narrativas históricas. Como ressalta Hildebrando (2010, p. 10), “a importância de se olhar além das memórias de grupos segmentados é tentar enxergar os silêncios e as omissões”. Essa reflexão reforça a necessidade de abordar o patrimônio de maneira crítica, questionando quais sujeitos, grupos e experiências estão representados nos espaços de memória e quais podem ter sido pouco contemplados ou excluídos de suas narrativas. Assim, o ensino de História Local pode contribuir não apenas para o reconhecimento

do passado, mas também para a compreensão das disputas em torno da memória e das diferentes formas de participação na construção da história.

Além disso, a articulação entre as atividades anteriores, a visitação e as propostas posteriores ao percurso possibilitam ampliar as experiências de aprendizagem. A produção de registros, a interpretação de fotografias e a elaboração de explicações históricas podem estimular a autonomia intelectual dos estudantes e favorecer o desenvolvimento do pensamento crítico. Ao observar o patrimônio de sua própria cidade, o aluno tem a oportunidade de reconhecer que os espaços que fazem parte de seu cotidiano possuem historicidade e estão relacionados às experiências de diferentes gerações.

Palavras-chave: Roteiro de visitação, Museus históricos, Recurso didático, Metodologias ativas.

REFERÊNCIAS

CHICARELLI, Larissa Salgado; ROMEIRO, Kauana Candido. **Museu e ensino de história: pensar o museu como local de conhecimento e aprendizagem.** v. 3, n. 2 – ISSN 2316-395X, Revista Confluências culturais, 2014.

NASCIMENTO, Silvania Sousa. **O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus.** Org.: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna. 2. Ed - Belo Horizonte, 2013.

PIBID. **O que é o PIBID.** Disponível em:< http://pibid.uemg.br/o-pibid.php>bbbb. Acesso em 10/10/2021.